

A Bahia Inventada: uma discussão acerca do poder da literatura e d'outras artes em forjar identidades.

Elisângela Sales Encarnação¹

Resumo: Contribuições importantes como as de M. Foucault e de P. Bourdieu nos mostraram o poder simbólico do discurso dito, escrito, visto em instituir identidades, espaços, poderes. No presente trabalho discutimos o processo histórico de produção de um referencial imagético-discursivo sobre a Bahia e os baianos nas obras de Jorge Amado. A literatura amadiana mediou por quase todo o século XX a percepção de brasileiros e estrangeiros desse espaço geográfico fortemente identificado, na sua obra, pela sensualidade, exotismo, misticismo, exuberância da natureza e de suas mulheres, imagens que se cristalizaram no imaginário social e que vem direcionando a fala e olhar sobre a Bahia.

Palavras-chave: Bahia, História, Literatura.

Abstract: Important contributions such as M. Foucault and P. Bourdieu has showed us the symbolic power of said, written and seen speech in establishing identities, spaces, powers. In this paper we discuss the historical process of producing an imagetive-discursive referential about Bahia and its people in Jorge Amado's work. Jorge Amado's literature mediated, for almost the entire twentieth century, the perception of Brazilian and foreign people of this geographic area, strongly identified, in his work, by sensuality, exoticism, mysticism, nature opulence and his women exuberance, images that emerged in the social imaginary and that have been directing speech and look about Bahia.

Keywords: Bahia, History, Literature

1.0 – Por uma definição de região: uma rápida discussão teórica.

O que define uma região? Seus aspectos físicos, econômicos, sociais, culturais, identitários, seus limites políticos? A região, ou melhor, a definição de uma região sempre foi um (ou no) campo de batalha e não seria diferente no terreno epistemológico. A briga pelo campo científico da região opôs geógrafos, economistas, historiadores, etnólogos, sociólogos, cada um acreditando serem seus critérios os mais importantes para definirem uma região.

Já vivemos um período da ditadura do natural em que uma região se definia apenas por seus aspectos físicos os quais determinariam inclusive as ações humanas. No entanto, a escola *possibilista* de La Blache veio nos mostrar que “a região natural não pode ser o quadro

¹ Aluna do Mestrado em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia, Especialista em História Regional e professora substituta da Universidade do Estado da Bahia, Campus V, Santo Antonio de Jesus-Ba.

e o fundamento da geografia, pois o ambiente não é capaz de tudo explicar” (GOMES, 1995: 56).

Segundo Durval Muniz Albuquerque Jr.(1999: 25), a noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar, vem de *regere*, comandar. Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização. A *regere fines*, ou o ato que consiste em traçar as fronteiras em linhas retas, em separar o interior do exterior, o reino do sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro, conforme nos assinala P. Bourdieu (1989: 113-114) (e acrescentaríamos ainda, o eu do outro), é um ato religioso realizado pelo personagem investido da mais alta autoridade, o *rex*, encarregado de *regere sacra*, de fixar as regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de um dizer executório que faz sobrevir o porvir enunciado. É o poder de que nos fala Durval Albuquerque Jr. de traçar linhas imaginárias, de dividir, de estabelecer fronteiras.

Para Bourdieu (1989: 114) este ato de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei é um ato de conhecimento, o qual, por estar firmado, como todo poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência daquilo que enuncia. Este poder que dizemos simbólico por ser invisível, é uma forma irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças a sua capacidade de mobilização, mas que só consegue se exercer se for reconhecida a legitimidade de quem o enuncia (BOURDIEU, 1989: 9-15). Nesse sentido, exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência ‘real’, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Assim, para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças. (BACZKO, 1985: 298-299, 313)

Vemos a luz dessas discussões, a conformação histórica de regiões frutos tanto de sangrentas batalhas quanto da enunciação por quem de direito. Se na antiguidade estes poderes foram quase sempre exercidos por reis e religiosos a modernidade e pós-modernidade traz consigo novos personagens investidos sobretudo do poder simbólico, do poder de intervir, reelaborar e instituir novos símbolos nos imaginários de determinadas coletividades. É disso que nos fala os estudos de E. Said, Durval Muniz Albuquerque Jr., Celeste Maria Pacheco Andrade, entre tantos outros. Nesses trabalhos uma coisa se repete, a literatura como

suporte privilegiado de contato com o imaginário, *corpus* no qual, símbolos espaciais: locais, regionais, nacionais são tomados, reelaborados e devolvidos ao público com novas feições. Segundo esses estudos interesses políticos, econômicos, identitários, etc., se conjugam para o estabelecimento de novas fronteiras, nem sempre novas demarcações territoriais, mas uma nova forma de encará-lo, de identificá-lo, ou seja, novos limites simbólicos para vê-los e serem vistos.

Este discurso dito regionalista é um discurso performativo que tenta impor como legítima uma nova definição das fronteiras (BOURDIEU, 1989: 116), físicas, culturais e identitárias, mas o efeito de conhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém, ele depende também do grau em que o discurso, que enuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertencimento que pode aparecer à relação entre estas propriedades (BOURDIEU, 1989: 117).

Por isso que o domínio e manipulação dos símbolos se tornam tão importantes na medida em que não é mais necessário mover as fronteiras, basta apenas dar novos significados aos antigos símbolos, bem como forjar outros e então, movimentaremos as fronteiras simbólicas dando a antigos espaços novos conteúdos e com isso suscitar até crenças na superioridade de alguns e na inferioridade de outros e como conseqüência, no direito de dominar outros povos (a história está repleta de exemplos dessa natureza). Vemos assim o poder simbólico, as crenças inscritas no imaginário social se materializando em ações concretas. Então acrescentado mais um item de complexidade a pergunta inicial do texto sobre o que define uma região, não poderemos esquecer que regiões são também demarcadas por instâncias imaginárias por meio da manipulação simbólica.

Sobre isso reflete o artigo *Bahias de Amado: a ficção fundando uma outra geografia*, de Celeste Maria Pacheco Andrade, nele a autora faz uma reflexão sobre as possibilidades da narrativa literária demarcar espaços e fronteiras, obviamente que a sua preocupação não é discutir a veracidade numa perspectiva fisiográfica de região, mas tratar de uma “geografia” que se inscreve no imaginário, mas nem por isso menos importante. Sua análise parte do pressuposto de que o escritor baiano Jorge Amado imbuindo-se da sua condição de porta-voz da Bahia, condição essa conquistada em seus mais de setenta anos de carreira, ao longo de sua produção literária, reelaborou recortes espaciais que terminaram por dar uma feição de referencia a um espaço historicamente construído (ANDRADE, 2000: 199). Para o

estabelecimento dessas novas fronteiras, Jorge Amado apropriou-se do arcabouço teórico das ciências humanas e sociais esvaziando-os dos conteúdos próprios dessas ciências e os preencheu com suas representações, misto de realidade e ficção, natureza e fantasia, ciência e imaginação.

Os elementos que compõe o cenário da Bahia, construídos pela narrativa amadiana estão salpicados pela beleza das praias, pelo céu luminoso onde o sol brilha o ano inteiro, nos coqueirais, nas ruas, becos, ladeiras, nessa topografia exótica que divide a cidade entre alta e baixa, no mistério dos seus espaços sagrados, terreiros, igrejas, espaços monumentalizados na construção de uma memória. Aliado a construção de um espaço ligado à beleza, a magia, ao exótico e ao sagrado, Jorge Amado elaborou também personagens capazes de povoar esse espaço. Assim, na obra amadiana, o baiano tem as mesmas características que sua terra, é belo, forte, exótico, alegre, misterioso. Vemos aqui a geografia “humana” na perspectiva que ela se inscreve deixando marcas também no povo, temos então, a idéia de região natural, ou seja, aquela que determina inclusive as ações humana, reabilitada.

No entanto, nenhum personagem amadiano se destaca tanto e encarna tão bem a representação da sua própria terra quanto à mulher amadiana. A baiana “por representar traços fortes da vida local, como mestiçagem, a religiosidade e as tradições culturais, além da sensualidade” (DAVID, 2000: 223), tornou-se o símbolo natural (e posteriormente oficial) da Bahia. Tomadas como cartão-postal para atrair turistas essas imagens sobre a Bahia e as baianas, presentes na literatura, pintura, músicas, etc., foram pouco a pouco sendo apropriadas pelas mídias e poder público corroborando um imaginário sobre a Bahia “cujas referencias são a música, a dança, as comidas exóticas, mulheres e homens capazes de realizar fantasias e que sabem amar” (ANDRADE, 2000: 208). É uma geografia que se inscreve no corpo, pois “a baiana emerge então como a filha dessa terra lasciva onde o prazer corporal comanda os sentidos” (DAVID, 2000: 231). Assim a baiana não apenas compõe a paisagem baiana como a conforma, tornando as linhas imaginárias que definem as fronteiras da região, que separam a Bahia dos outros espaços, *tão sinuosas quanto o corpo de uma mulher...* baiana, é claro!

A conformação de uma região não vem separada da construção de características identitárias e uma vez configurada esta identidade ela passa a representar a região sintetizando aspectos históricos, culturais, geográficos, políticos, econômicos, dentre outros. A identidade cultural forjada para esta região geográfica (Bahia) por todos os elementos já elencados que o compõe, não poderia ser diferente dessas construções. A tão famosa baianidade é marcada principalmente pela mestiçagem, sensualidade, exotividade, ludicidade. É alegre e fogosa como seu povo, como suas mulheres, como sua terra!

2.0 - Bahia, a cidade* e o povo.

Imagine a decepção de um turista que chega a Salvador e não é recebido por negras vestidas de baianas com um belo e largo sorriso no rosto e não vê, logo ali no aeroporto mesmo, uma roda de capoeira. Imagine que este turista não vá ao Pelourinho, ao Mercado Modelo, não coma um acarajé, não *pule* o carnaval, não se banhe nas belas praias, não veja belas mulheres e homens também, não ouça a fala arrastada e preguiçosa do baiano, não beba água de coco e volte para casa sem uma fitinha do Bonfim amarrada no pulso. Este turista não esteve na Bahia!

A pessoa que vem à Bahia já sabe o que vai encontrar. A literatura amadiana em suas milhões de cópias vendidas no Brasil e no exterior, assim como as telenovelas, séries, miniséries, músicas, filmes, etc., baseados nestes romances também exibidos no mundo todo, já ensinaram o que esperar, o que encontrar, o que ver. Essa literatura construiu um arquivo interno de imagens que moldaram a linguagem, a percepção, a experimentação e a forma do encontro. E mesmo quando não se consegue de imediato reconhecer no *conhecido*, agora na prática, as idéias-imagem construídas anteriormente, o estranhamento é apenas momentâneo e o visitante logo se apegua ao familiar, ao conhecido, acomodando as coisas como repetidas. Este conhecimento é mediado por experiências anteriores que não permitem ver para além do já conhecido.

O campo de forças criado na relação obra-autor-leitor, na literatura amadiana, permeada pela vontade de verdade que a atravessa, instituiu no imaginário de quem leu, ouviu, viu, além de imagens, sensações e expectativas. Assim, também o foi (e é) com o Oriente segundo as discussões de E.W. Said (1990), assim o foi com a América. No encontro entre europeus e americanos, encontro fundante do que somos e de como somos vistos, apesar de Colombo não reconhecer na América e nos nativos traços do que se sabia sobre as Índias, ainda assim ele nomeou os nativos de índios, numa clara constatação da resistência em aceitar o desconhecido, em ver o outro fora dos padrões pré-estabelecidos na sua partida.

Os índios serão apreendidos e interpretados pelos europeus colonizadores através dos “signos que antecipavam a revelação de sua existência e não como realidade que se revelava” (BAUMANN, 1992: 58). O que quer dizer que os índios, antes de terem existência concreta, existiam nas lendas e sonhos dos colonizadores que, ao se defrontarem com eles, não os vê

* Em várias passagens da obra amadiana temos a referencia a Salvador como a cidade da Bahia, denominação que foi durante muito tempo bastante popular. Ainda hoje, nas cidades interioranas, os mais idosos quando querem dizer que vão à capital Salvador, dizem: vou à Bahia. A identificação de Salvador com a Bahia é forte. Segundo ANDRADE (2000: 200), mesmo Jorge Amado tendo difundido uma outra geografia sobre a Bahia dividindo-a em três “bahias”, Salvador encarna a síntese da imagem da Bahia para Jorge Amado, servindo como espelho para as outras “bahias”, podendo representá-las.

como são e sim como aquilo anteriormente projetado. Sobre isso já nos alertava CERTEAU, segundo ele a colonização foi também empreendida por meio do discurso do poder e de uma escrita conquistadora que “utilizará o Novo Mundo como uma página em branco (selvagem) para nela escrever o querer ocidental” (1982:10).

Herdeiro desse encontro, o Brasil coloca o projeto de formulação da identidade nacional brasileira para a primeira geração nacional empresária da independência. Por meio dos discursos históricos e literários, o Brasil constrói para si uma identidade particular, individualizada. Na literatura com a geração dos românticos, a identidade nacional já nasce mestiça do encontro entre o português e o índio, um encontro amoroso do qual nasceria um povo mestiço. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a fala autorizada sobre o passado na época, completa esta visão dando alta positividade ao europeu colonizador.

Já no século XX,

Gilberto Freyre, ao fazer a apologia da mestiçagem, enfatizando o seu potencial criativo e dulcificando o passado por uma visão ‘compreensiva’ e ‘sensual’ das relações entre a casa grande e a senzala, tornou-se o maior ideólogo do ‘novo Brasil’. Sua versão da realidade nacional correspondia ao otimismo dos anos 30-40, que parecia encontrar a saída para a modernidade na recomposição da coalizão dominante de classes e acomodando as velhas elites rurais com a nova burguesia urbana nos quadros do Estado. (PESAVENTO, 1995: 33)

A mestiçagem torna-se, a partir daí, a marca registrada de identificação do Brasil, bem como o processo harmonioso pelo qual ela se deu. No Brasil, as maiores diferenças se harmonizam e é até possível arrumar as velhas elites rurais e a burguesia urbana nascente no poder.

Discursos acadêmicos e literários, em especial Gilberto Freyre e Jorge Amado, elaboraram uma imagem do Brasil mestiço, sensual, quente, de natureza e mulheres exóticas e exuberantes, que deve muito de seus símbolos a outras duas identidades: a nordestinidade e a baianidade. Esta imagem do Brasil exportada em muito destoava do que o sul-sudeste, em meados do século XX, queria se tornar: a Europa civilizada. Contraditoriamente, o Brasil que o europeu queria comprar era aquele, mais adequado às suas expectativas de europeu colonizador.

Neste caldeirão de identidades se definindo, a baianidade tem em Jorge Amado seu principal ideólogo-divulgador, mas não o único, Gilberto Freyre, Dorival Caymmi e o pintor Carybé, esses dois últimos assumem importância neste processo ao serem apropriados pelo próprio Jorge Amado, são também, partícipes desta construção/divulgação. A Bahia que nasce de seus escritos é uma terra exótica, misteriosa, singular.

Jorge Amado cerca seu texto de elementos capazes de falar aos cinco sentidos. A apropriação de Caymmi e Carybé, personagens em seus romances, referências constantes de sua fala, monumentos de seu guia, colaboradores de sua obra, serviu muito bem a este propósito. Jorge Amado alia em seus romances dois elementos de forte penetração em sociedades com altos índices de analfabetismo: a música e a iconografia. Agregue a esses um terceiro, a televisão, já que o baiano cai nas graças da mídia televisiva no Brasil e vários produtos são elaborados baseados nos seus escritos.

Jorge Amado estende sua autoridade de representar a verdade baiana a Caymmi e Carybé. A experiência vivida, o viver misturado ao povo da Bahia, aparece neles também como o elemento que dá a condição de autenticidade dessas falas. Segundo interpretação de Jorge Amado, a obra de seus amigos aparece marcada pelos mesmos elementos que a sua, ao definir a Bahia e os baianos: magia, mestiçagem, alegria, festa, sexualidade, força, mas, principalmente, na percepção da Bahia como espaço da saudade. Suas obras são uma tentativa de aprisionar no presente, e garantir para o futuro, um passado que eles sentem esvaindo de suas mãos.

Cidade sem igual, Salvador-Bahia será dita, pintada e cantada com todas as cores, rimas e versos que merece por esses autores. O poder instituidor da obra amadiana é tão grande que, de acordo com Celeste Maria Pacheco de Andrade (2000), foi capaz de difundir uma outra geografia, dividindo o estado da Bahia em três “bahias”: a do sul, eixo Ilhéus-Itabuna, a do sertão e a cidade da Bahia, parte antiga da cidade de Salvador e o recôncavo baiano. Para cada espaço, ele construiu perfis humanos que lhes dessem visibilidade. No sertão: cangaceiros e beatos, no sul: coronéis, em Salvador e no recôncavo: pescadores, vagabundos e prostitutas. Esses tipos criados são mantenedores da invenção do nordeste e instituidores da Bahia. Essas bahias foram apropriadas como realidade, pois se mostraram ideais aos interesses das elites locais: para o sul e Salvador, por incentivarem o turismo, e para o sertão, a inclusão do sertão baiano no círculo da seca, e, por conseguinte, o acesso às verbas federais.

Mesmo os romances amadianos tendo sido ambientados em espaços diferentes, fundando bahias, algo as une: o misto de singularidade e exuberância. Seja em Salvador-Recôncavo, no sertão ou no sul, a Bahia aparece carregada de elementos que a particularizam do restante do país, do nordeste, mas ao mesmo tempo em que gesta e fornece elementos para representar a brasilidade e a nordestinidade. O turista vem ao Brasil, muitas vezes, buscar o Brasil-Bahia-Nordeste, mulato, sensual, tropical, festeiro, tradicional, popular, artesanal,

interiorano; um Brasil, em alguns aspectos, diferente do Brasil-Sul-Sudeste, racional, moderno, futurista.

A Bahia que surge das tintas de autores como Jorge Amado, Gilberto Freyre, Caymmi e Carybé possui cores mais fortes do que em qualquer outro lugar. O sol é mais intenso, o mar é mais azul, a natureza é mais exuberante, o povo é mais alegre, até objetos inanimados como casas, ruas, ladeiras, becos parecem vivos, parecem respirar, transpirar, ofegar, ouvir, falar, sussurrar. Tudo na Bahia é mais e melhor. É o próprio paraíso, onde as diferenças se harmonizam, onde as contradições se suavizam para transformá-la no melhor lugar para viver.

Num artigo para a Revista O Cruzeiro, Gilberto Freyre define a Bahia da seguinte forma:

E quem diz Bahia ou baianos diz festa, bolo, doce, mulata, alegria, e até pecado. Os sete pecados mortais e não apenas todos os Santos da Igreja, mais os dos Candomblés: Bahia de Todos os Santos. Diz música, dança, canto, foguete, capoeiragem, pastel enfeitado com papel de cor, caprichosamente recortado, carurú, violão, balangandãs, chinela leve na ponta do pé da mulher, em contraste com tamanco pesadamente português do homem, saia de roda, camisa de cabeção picado de renda, guardando peitos gordos de negras, de mulatas, de quadrarunas provocantes. (FREYRE, 1951)

Deste enumerado de elementos se consegue perceber grandes semelhanças com elementos presentes nas obras de Jorge Amado e Dorival Caymmi, inclusive o título do artigo “Acontece que são baianos” é uma clara alusão à música de Caymmi “Acontece que Sou Baiano”. Há uma grande afinidade nos discursos desses três autores ao dizer a Bahia.

Falando sobre a atmosfera da cidade no *Guia Bahia de Todos os Santos*, Jorge Amado, diz:

Escorre o mistério sobre a cidade como um óleo. Pegajoso, todos os sentem. De onde ele vem? Ninguém o pode localizar perfeitamente. Virá do baticum dos candomblés nas noites de macumba? (...) De onde vem esse mistério que cerca e sombreia a cidade da Bahia? (AMADO, 1977:15)

Que óleo é esse que escorre da cidade de Salvador? Será que é o mesmo “ar mole oleoso” presente na poesia de Gilberto Freyre, em 1926? Por que as imagens sobre a Bahia são tão repetitivas? A função da repetição é fixar, reter na memória. Aliado ao processo de construção da identidade baiana, houve um outro poderoso processo de divulgação pela repetição em vários segmentos das imagens gestadas. E estas falas se fizeram eficazes, porque quando pensamos, falamos na Bahia, esses elementos estão sempre presentes. Todas as vezes que a televisão precisa representar a Bahia, ela recorre a este arquivo de imagens-símbolo que falam por si só, que dispensam apresentações.

Para completar o estado-maravilhoso que é a Bahia não poderia faltar um povo sem igual. Ser baiano, no entanto, vai além de nascer na Bahia, é um estado de espírito:

Baiano quer dizer quem nasce na Bahia, quem teve este alto privilégio, mas significa também um estado de espírito, certa concepção de vida, quase uma filosofia, determinada forma de humanismo. Eis porque homens e mulheres nascidos em outras plagas, por vezes em distantes plagas, se reconhecem baianos, apenas atingem a fímbria desse mar de saveiros, as agruras desse sertão de vaquejadas e de milagres, os rastros desse povo de toda a resistência e de toda a gentileza. E como baianos são reconhecidos, pois de logo se pode distinguir o verdadeiro do falso. Aqui entre nós: tem gente que há vinte anos tenta obter seu passaporte de baiano e jamais consegue pois não é fácil preencher as condições e como diz o moço Caymmi, nosso poeta, “quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim”.(AMADO, 1977: 23-24)

Para Freyre a “mistura de negros e brancos na Bahia deu origem a um povo baiano alegre, expansivo, sociável, loquaz, petulante, gracioso, espontâneo, cortez, de riso bom e contagioso (1988: 288). Esses autores nos inventaram. Criaram um baiano com certidão e tudo. Se você preenche os requisitos *do estado de espírito baiano*, desta quase filosofia, aí sim, você é um verdadeiro baiano, tendo nascido na Bahia ou não. No entanto, podemos concluir, se você não se reconhece nas imagens de Bahia aqui descritas, mesmo tendo nascido na Bahia, estes autores não lhes concederão o *passaporte* de baiano, pois você é um baiano falso, um baiano que não preenche os requisitos para morar na cidade da Bahia, onde várias mágicas se sucedem sem a ninguém, ou melhor, sem a nenhum *baiano verdadeiro*, causar espanto.

Como última reflexão pensemos acerca do alerta dado por E. W. Said (1990: 18) sobre a materialidade e/ou materialização do discurso. Assim sendo, não se deve nunca supor que a imagem da Bahia e dos baianos construída não passa de uma estrutura de mentira ou de mitos que, caso fosse dita a verdade sobre eles, partiriam com o vento. O que temos de respeitar e tentar entender é a força nua e sólida desse discurso e sua temível durabilidade. Afinal, qualquer sistema de idéias que possa permanecer como sabedoria que se pode ensinar em livros, filmes, jornais, televisão, músicas, etc., deve ser algo mais formidável que uma mera coleção de mentiras. A baianidade, portanto, não é uma fantasia, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, ao longo das últimas décadas, um considerável investimento material.

4.0 - Referências Bibliográficas.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. 27 ed., Rio de Janeiro: Record, 1977.

ANDRADE, Celeste M. P. de. Bahias de Amado: a ficção fundando uma nova geografia. In: FONSECA, Aleilton & PEREIRA, Rubens (orgs). *Rotas e Imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/PPGLDC, 2000.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi: Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, vol. 5, 1985.

BAUMANN, T. B. Imagens do “outro mundo”: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental. In: VAINFAS, R (org). *A América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 3 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FREYRE, Gilberto, Acontece que são baianos. In: *Revista O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 1951.

_____. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 34 ed., Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. & GOMES, P. C. C. (orgs.) *Geografia: conceito e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto, v. 15, n. 29, ANPUH, 1995.

SAID, E. W. *O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.